

A FORMAÇÃO DE PALAVRAS A PARTIR DE MORFEMAS MONOSSILÁBICOS NOMINAIS E BASES VERBAIS EM LÍNGUAS INDÍGENAS DA FAMÍLIA PANO: PREFIXAÇÃO OU INCORPORAÇÃO NOMINAL?

Lincoln Almir Amarante Ribeiro (UFMG/GICLI)
Gláucia Vieira Cândido (UEG/GICLI)

RESUMO: Este artigo discute um processo de formação de palavras comum nas línguas da família Pano e que consiste em unir uma base verbal a um alomorfe de uma base nominal (referente a partes do corpo) resultando em nova base verbal. Assim, utilizando metodologia empregada em estudos da linha tipológico-funcional, descrever-se-á o processo em questão no Shanenawa e em outras línguas Pano, defendendo a hipótese de que o referido processo teria sido em estágio anterior dessas línguas uma incorporação nominal que evoluiu para prefixação. E, ainda, colaborando com os estudos de reconstrução lingüística do Proto-Pano, apresentar-se-á um argumento que reforça a hipótese de que o Matsés teria sido a primeira língua a se separar da proto-língua.

Palavras-chave: Família Pano; Shanenawa; Gramática; Morfologia lexical; Incorporação nominal.

Introdução

Uma propriedade comum a várias línguas da família Pano é a ocorrência de um conjunto finito de formas nominais que servem geralmente para nomear partes do corpo humano/animal¹ e que possuem um alomorfe cuja característica principal é a redução do número de sílabas da forma original a apenas uma sílaba, mais especificamente, a primeira da seqüência. Pelo menos do ponto de vista sincrônico, esse alomorfe monossilábico une-se a bases verbais para com elas formarem outras bases também verbais², as quais, por sua vez, dependendo da interpretação que se faça, podem ter ampliada ou restringida a informação semântica dada pelas duas bases envolvidas no processo³.

Processos desse tipo já foram registrados em diversas línguas Pano, como Kaxinawa (MONTAG, 1979), Amawaka (HYDE, 1980), Yaminahua (FAUST, 1990), Chácobo (ZINGG, 1998), Kapanawa (LOOS & LOOS, 1998), Shipibo (FAUST, 1990; LORIOT ET AL 1993; VALENZUELA, 2003), Matis (FERREIRA, 2001; 2005) e Matsés (KNEELAND, 1979; FLECK, 2003, 2006), entre outras. Há suspeitas, entretanto, de que o fenômeno possa ocorrer em todas as línguas da família, o que certamente pode ser comprovado por meio de futuras descrições tanto das línguas já estudadas como daquelas que ainda sequer foram identificadas.

Apesar da ocorrência ser unanimidade, a classificação tipológica desse processo não é ponto pacífico entre os estudiosos de línguas Pano. O primeiro ponto de discórdia está no fato de que, segundo as referidas fontes, em três das línguas citadas - Matsés, Shipibo e Kapanawa - os alomorfes monossilábicos se unem não apenas a bases verbais, mas também a nominais

almir.bh@terra.com.br
glauca.vieira@ueg.br

(nomes e adjetivos). Nas demais línguas já descritas, o processo de união se dá somente entre os morfemas monossilábicos e as bases verbais.

O segundo ponto de discórdia e que, ao nosso ver, também é o de mais difícil resolução trata do fato de que, à exceção de Ferreira (2001)⁴, que descreve as bases lexicais finais como resultado de incorporação nominal, todos os outros estudiosos de línguas Pano se referem ao processo como uma espécie de prefixação. Todavia, esta última conclusão não condiz com a afirmação de Loos (1999: 243) de que categoricamente as línguas Pano não apresentam prefixos, mas registram uma tipo de incorporação de algumas raízes nominais imediatamente antes do verbo. Segundo este autor, essas línguas são essencialmente sufixais contando com mais de 130 sufixos verbais.

Considerando esse panorama de controvérsias e, ainda, um apelo formal de Fleck (2006) para que estudiosos se dedicassem à tarefa de detectar, se possível, os morfemas especiais em línguas da família Pano, pretendemos, no presente artigo, discutir a tipologia do processo de formação de novos itens lexicais encontrado nas línguas Pano. Para tanto, descreveremos o referido processo em uma das línguas Pano, o Shanenawa, comparando-o eventualmente com outras línguas da família (a saber: Amahuaca, Kapanahua, Kaxinawa, Matis, Matsés, Shipibo, Yaminahua e Sharanawa). Na oportunidade, pretendemos contribuir para com os estudos sobre reconstrução lingüística apresentando um argumento que, acreditamos, reforça a hipótese de Lanes (2000), Fleck (2003) e Amarante Ribeiro (2006) de que o Matsés teria sido a primeira língua a se separar daquela que teria dado origem a todas as línguas da família Pano, ou seja, a proto-língua.

Considerando então esses objetivos, o artigo apresenta quatro partes assim organizadas: em **1.** serão fornecidas algumas breves notas sobre a língua Shanenawa, seus falantes e sua classificação dentro da família Pano; em **2.** apresentar-se-ão alguns pressupostos teóricos que nortearão a descrição do processo de formação de palavras em discussão; em **3.** descrever-se-á o referido processo na língua Shanenawa; em **4.**, far-se-á uma breve comparação entre o Shanenawa, o Matsés e outras línguas Pano visando apresentar uma argumentação sobre o lugar das duas primeiras línguas na evolução do Proto-Pano. Fecham o artigo, a conclusão e as referências bibliográficas.

1. A língua Shanenawa

A língua Shanenawa, como já foi falado aqui, pertence à família Pano, a qual possui cerca de 40.000 falantes, distribuídos em pelo menos 34 povos conhecidos. Estes ocupam juntamente com várias etnias de outras famílias, uma vasta área de forma aproximada de um quadrilátero cujos lados são limitados pelos paralelos 3° S e 14° S e pelos meridianos 72° W e 64° W. Esse quadrilátero situa-se na região amazônica boliviana, brasileira e peruana.

De acordo com Amarante Ribeiro (2006), as línguas dessa família estão divididas em quatro grandes grupos. O Shanenawa figura no chamado Grupo III, que está subdividido em dois grupos imediatos, sendo o maior deles o Subgrupo III-2 com várias subdivisões menores, dentre elas a que origina o Subgrupo III-2-2-2 que inclui o Shanenawa e outras línguas ainda vivas como o Arara, o Sharanawa e o Yawanawa.

Quanto aos falantes da língua Shanenawa, estes habitam a região norte central do Estado do Acre, à margem esquerda do rio Envira, no Município de Feijó, onde se distribuem em quatro comunidades assim denominadas: Paredão, Cardoso, Nova Vida e Morada Nova. Os dados demográficos da FUNAI (2002) dão conta dos seguintes números de habitantes em cada aldeia: Morada Nova, 200; Paredão, 53; Cardoso, 54 e Nova Vida, 49. Nas aldeias, embora a maior proficiência seja dos mais idosos, todos usam a língua. Entre os mais jovens e crianças, especialmente, enquanto cresce a preferência pelo Português, nota-se que o uso da língua indígena está se tornando cada vez mais limitado. Por isso, infelizmente, pode-se dizer que o Shanenawa, como tantas outras línguas brasileiras, é uma *endangered language*, ou seja, está situada no grupo das línguas em perigo de extinção.

2. Pressupostos teóricos

Estudos descritivos têm mostrado que as línguas naturais dispõem de vários recursos para ampliação de seu léxico, recursos estes que vão dos processos de formação de palavras aos empréstimos culturais e estrangeirismos. No presente estudo, interessam-nos os recursos utilizados pelos falantes para ampliar o léxico interno de sua língua, ou seja, os processos de formação de palavras, os quais, segundo a literatura específica, podem ser assim esquematizados: a derivação, a composição, a redução e a reduplicação.⁵

Dos processos supracitados (também conhecidos como morfologia lexical), os mais comuns em termos de maior produtividade são a derivação e a composição. O primeiro é caracterizado pela adição de um ou mais afixos⁶ a uma base lexical, o que lhe modifica parcial ou totalmente o significado original. Para haver derivação, uma condição necessária na análise mórfica de uma palavra e, para efeitos deste artigo tem muita importância, é que haja possibilidade de apreensão sincrônica dos morfemas que compõem tal palavra. Em Português, por exemplo, palavras como “submisso” e “admitir” apenas podem ser segmentadas a partir do critério diacrônico, pois só historicamente se pode apreender os prefixos **sub-** e **ad-** e os morfemas lexicais **-misso** e **-mitir**, respectivamente. Do ponto de vista sincrônico, contudo, estes últimos, por não terem significação na atualidade, não podem ser considerados morfemas lexicais. Nesse caso, não podemos dizer que “submissão” e “admitir” são exemplos de derivação no estágio atual da língua.

Ainda no tocante à derivação, a literatura lingüística (especialmente a descritiva) menciona um processo de formação de palavras mais específico: a “prefixação”. Este consiste na junção de prefixos a bases diversas (verbal, nominal, etc.) para com elas constituírem novas bases, independente da natureza (verbal, nominal, etc.). É importante salientar aqui este conceito de forma a distingui-lo do tipo especial de “composição” do qual trataremos em mais detalhes na seqüência.

Composição é a forma de criar novas bases lexicais em uma língua a partir de duas ou mais bases independentemente significativas para que, juntas (e com ou sem a redução da estrutura mórfica das mesmas), estas se comportem como uma só estrutura que por si mesma manifeste autonomia semântica.

Do ponto de vista do significado, diz-se que na composição ocorre a combinação de dois morfemas lexicais cujo resultado é uma fusão semântica que pode ser completa ou não. Em

Português, por exemplo, a palavra “guarda-roupa” é formada por composição e seu significado de forma geral pode ser recuperado na segmentação dos morfemas lexicais que a compõem: **guarda-** (do verbo “guardar”) e **-roupa**. Por outro lado, numa palavra como “baba-de-moça” (um tipo de guloseima/doce), o significado de cada morfema lexical praticamente inexistente dando lugar a outro completamente diferente obtido pelo composto.

Além do aspecto semântico, os compostos podem se distinguir dos sintagmas comuns por meio de outros critérios lingüísticos, tais como a acentuação, as regras fonológicas ou através de aspectos morfossintáticos, como a concordância, a flexão no genitivo, a ordem dos constituintes no sintagma, entre outros.

Os processos de composição podem ser de dois tipos: justaposição ou aglutinação. No primeiro tipo, as bases que se combinam na composição são, como o próprio nome indica, posicionados um ao lado do outro com a manutenção de sua autonomia fonética e fonológica, como no caso dos dois exemplos da língua portuguesa dados anteriormente. Já no segundo tipo ocorre a fusão das bases num todo com possíveis alterações de elementos fonéticos dessas bases. Exemplos em Português são as palavras “planalto”, “aguardente”, entre outras.

Dentre os tipos de composição existentes nas línguas do mundo, um dos mais interessantes e que nos interessa sobremaneira aqui é a chamada incorporação. Segundo Mithun (1984), o termo ‘incorporação’ é geralmente usado para se referir a um tipo particular de processo de composição de palavras em que um verbo e um nome se combinam para formar um novo verbo. Nessa composição, o nome mantém uma relação semântica específica com o verbo, a qual pode ser de paciente, de locativo ou de instrumento.

O processo de criação de novos itens lexicais por meio da incorporação é, como atesta Mithun (1984), um processo morfológico com características sintáticas. Isto porque, na junção da base nominal com a verbal, pode haver a redução da valência verbal. Isto é, no caso de verbos originalmente transitivos necessariamente há a intransitivização desses verbos, já que em geral o nome incorporado ao verbo funciona como objeto direto (paciente) ou modificador adverbial (lugar, instrumento, entre outros). Na composição, porém, esse nome não perde sua função sintática original, mas o composto torna-se um predicado intransitivo que denota um conceito unitário. Isto é, na incorporação, o verbo deixa de ser transitivo para ser intransitivo.

Uma característica da incorporação que pode ser importante nos trabalhos investigativos sobre o tema é apontada por Spencer (1991). De acordo com esse autor, para que uma incorporação verdadeira ocorra, as formas (morfemas ou palavras) que constituem os compostos, quando isoladas devem representar uma paráfrase de tais compostos.

Para concluir estes pressupostos, mencionaremos um último princípio de análise mórfica que também será importante neste artigo: “alomorfia”. Como se sabe, os diferentes morfemas de uma língua (lexicais ou gramaticais) não são sempre segmentos fônicos imutáveis, ou seja, em geral costumam apresentar variantes às quais chamamos alomorfes. A alomorfia pode ser de dois tipos: condicionada fonologicamente ou não-condicionada. Esta última independe de causas fonéticas, enquanto a primeira é basicamente resultado de mudanças morfofonêmicas, tais como aquelas provocadas pela aglutinação de fonemas pertencentes aos morfemas envolvidos nos processos de formação de palavras e de que resulta alguma mudança fonética. Nas línguas Pano, em especial no Shanenawa, como veremos adiante, é importante considerar a variação morfofonêmica no processo de formação de palavras ora em questão.

3. Formação de palavras na língua Shanenawa

Em Shanenawa, como sói ocorrer nas línguas naturais, encontramos os dois processos básicos de formação de palavras: a derivação e a composição. O primeiro processo é bastante produtivo, pois, sendo essa língua de tipologia morfológica aglutinante, tende a apresentar muitas palavras complexas, ou seja, aquelas constituídas por mais de um morfema. Corroborando a impressão de Loos (1999) para outras línguas Pano, no Shanenawa esse processo ocorre especialmente com as bases verbais, as quais podem receber um grande número de sufixos, conforme podemos ver no exemplo a seguir:

- (1) pi- ian-ma
comer-PAS-NEG⁷
'Ele/ela não comeu (no dia anterior).'

Como se pode notar, embora a seqüência de sons carregue um significado traduzido por uma frase inteira do Português, no Shanenawa, integrantes desse segmento frasal estão intimamente relacionados sintática, morfológica e semanticamente, de modo a constituírem uma única unidade léxica. Quanto à segmentação da palavra em (1), o morfema **pi-** pode ocorrer isolado sem prejuízo de sentido, o que o torna potencialmente livre, ou seja, **pi**, uma raiz verbal. Em contrapartida, - **ian** e -**ma** necessitam ser ligados (ou presos) a outros morfemas para ter significação completa.

Como no exemplo em (1), a maioria das palavras da língua Shanenawa é formada por uma base lexical (nominal e verbal, geralmente) e um ou mais dos diversos sufixos existentes na língua (cf. CÂNDIDO, 2004). Não há até o momento registros de afixos do tipo infixos ou circunfixos. Quanto aos prefixos, a despeito de aspectos sintáticos que influenciam a probabilidade de ocorrência deste tipo de afixo em uma língua, como a ordem dos constituintes SOV nas sentenças, sua ocorrência na língua (passível de questionamentos, aliás) parece ser limitada, o que pretendemos discutir em mais detalhes posteriormente. Antes, porém, trataremos brevemente do processo de composição de palavras nessa língua.

Em geral, os compostos são do tipo justapostos e podem ser reconhecidos a partir de dois critérios: a acentuação e a flexão do genitivo. Como na língua o acento não é fonológico por incidir apenas sobre a última sílaba das palavras, em um processo de composição, o acento do(s) elemento(s) que se posiciona(m) mais à esquerda tende a enfraquecer ou mesmo desaparecer, já que apenas o elemento colocado em posição mais à direita deve receber o acento principal. Assim, se duas ou mais palavras independentes se juntam em um processo de que resulta uma palavra composta com significados diferentes daqueles obtidos pelas formas individualizadas e, além disso, as representações fonéticas dos compostos apontam a adequação das formas antigas dos elementos à tipologia acentual da língua (ou seja, uma só unidade acentuada com acento na última sílaba), logo, poderemos concluir que os sintagmas constituem compostos autênticos, como nos seguintes dados:

- (2) [i fiĩ]_N + [pa niĩ]_N => [i fipa niĩ]_N => /ifi # pani/ 'cama'

madeira rede

[ta ĩ]_N + [a kaĩ]_N => [ta a kaĩ]_N => /ta # aka/ ‘sapato’
 pé casca

O outro critério utilizado para identificação de compostos na língua Shanenawa é de cunho morfológico e diz respeito à flexão do genitivo. Nessa língua, o caso genitivo é marcado pelo sufixo **-n** (ou por um dentre os seus alomorfes) no nome do possuidor, como ilustra o exemplo a seguir:

(3) [na wa-n]_N + [pi aĩ]_N => /nawan # pia/ ‘flecha de branco’
 branco-GEN flecha

Quando, entretanto, o falante utiliza os dados **nawa** ‘branco’ e **pia** ‘flecha’ em um processo de composição, o sentido obtido é um pouco diferente do que sugere a construção genitiva e, nesse caso, a marca **-n** não é expressa, como vemos, a seguir:

(4) [na waĩ]_N + [pi aĩ]_N => [na wapi aĩ] => /nawa # pia/ ‘espingarda’
 branco flecha

Além desses processos de formação de palavras, conforme antecipamos na introdução deste estudo, o Shanenawa também conta com um caso especial de formação de palavras⁸ envolvendo exclusivamente verbos de ação (transitivos) e bases nominais relativas essencialmente a partes do corpo humano/animal, na função de objeto desses verbos. Para ilustrar, consideremos inicialmente as bases nominais em (5:a) e as verbais em (5:b):

(5) (a) puku ‘barriga’ (b) at ‘cortar’
 mapu ‘cabeça’ ku a ‘bater’
 m vi ‘mão’ t uka ‘lavar’

Na língua Shanenawa, as bases nominais em (5:a) podem ser combinadas por aglutinação com as respectivas bases verbais em (5:b), do que resultam novas bases de natureza verbal. Conforme vimos nos pressupostos teóricos, de acordo com Mithun (1984), combinações de duas bases lexicais desse tipo equivalem a uma espécie de incorporação nominal, com a particularidade, no caso do Shanenawa, de haver a redução morfofonêmica da base nominal a ser afixada à verbal, como nos mostram os exemplos a seguir:

(6) (a) [pu]_N + [ku a]_V => [puku a]_V ‘cortar a barriga’
 (b) [ma]_N + [ati]_V => [ma ati]_V ‘bater a cabeça’
 (c) [m]_N + [t uka]_V => [m t uka]_V ‘lavar a mão’

Outra razão pautada nos preceitos de Mithun (1984) para supormos que estamos diante de um caso de incorporação nominal nessa língua encontra respaldo nas características das bases

verbais envolvidas no processo. Considerando o critério nocional, essas raízes verbais são do tipo que expressam ação realizada por um agente e sofrida por um paciente, ou seja, trata-se de verbos de dois argumentos. Sintaticamente, chamamos esses verbos de transitivos, os quais requerem argumentos na função de sujeito e de complemento verbal (objeto). Na incorporação nominal, a função de objeto é preenchida pelo morfema monossilábico. Contudo, após a ligação entre as duas categorias sintáticas, o verbo muda de valência de transitivo para intransitivo, não mais solicitando o complemento, mas eventualmente apenas adjuntos, como podemos ver nos exemplos seguintes:

- (7)
- | | | |
|--|--|-------------------------------------|
| $\underbrace{\hspace{2em}}$
S | $\underbrace{\hspace{2em}}$
Adjun Restr | $\underbrace{\hspace{2em}}$
Od-V |
| ka i-ni | t a u- | t -naka-a-ki |
| morcego-ERG | veado-ABS | pescoço-morder-PAS-DECL |
| ‘O morcego mordeu o pescoço do veado’. | | |
-
- (8)
- | | | |
|----------------------------------|--|-------------------------------------|
| $\underbrace{\hspace{2em}}$
S | $\underbrace{\hspace{2em}}$
Adjun Restr | $\underbrace{\hspace{2em}}$
Od-V |
| wa-n | fak - awinhu- | pa-nini-a |
| mãe-ERG | criança-ABS mulher-ABS (filha) | orelha-puxar-PAS |
| ‘A mãe puxou a orelha da filha’ | | |

Assim, quando o complemento verbal objeto (na forma nominal) incorpora-se ao verbo, este, que na estrutura profunda era transitivo, perde uma valência, passando a figurar na estrutura de superfície como intransitivo; em contrapartida, a posição de objeto se torna esvaziada. Assim, a seqüência estrutura das sentenças que antes era (S + [Adjun Restr] + **Od** + **VT**) passa a S + [Adjun Restr] + + **VI**.

Apesar de todas essas características, convém retomarmos aqui Spencer (1991), para quem um processo de incorporação natural é aquele em que as formas que constituem os compostos, quando isoladas, representam uma paráfrase dos referidos compostos. Essa particularidade leva-nos a questionar se de fato teríamos na língua Shanenawa incorporações convencionais. Uma maneira de conseguir respostas plausíveis para isso é averiguar junto aos falantes nativos da língua se não haveria a hipótese de a raiz desses nomes de partes do corpo ser, diferentemente do que vimos em (6:a-c), as formas: **pu** ‘barriga’, **ma** ‘cabeça’ e **m** ‘mão’. Todavia, todos rejeitaram as supostas bases simples e tampouco as formas **-ku**, **-pu** e **-vi** com significação de forma isolada. Para os falantes, apenas exemplos contextualizados, como os que vemos abaixo, são aceitáveis.

- (9)
- | | | |
|-----|--------------------------|----------------------|
| n | min pu-t uka-a-ki | |
| 1ps | 2ps | braço-lavar-PAS-DECL |

‘Eu lavei meus braços’

- (10) paka ku u **fu**-ku a-a-ki
 nome próprio cabelo-cortar-PAS-DECL
 ‘Paka Kuru (nome próprio) cortou o cabelo (dela).’

Diante disso, como classificar as formas nominais envolvidas em tal processo: alomorfes das referidas bases nominais ou, numa interpretação mais abstrata, como prefixos tal como postulam alguns pesquisadores de língua Pano? Supondo ser este último caso, então, ao invés de “composição de palavras por incorporação nominal”, não estaríamos falando em processo de “derivação de palavras”? O fechamento da questão não é conveniente nem em uma nem em outra interpretação, pois acreditamos que, na língua Shanenawa, esse processo de formação de palavras pode ser classificado tanto como composição (via incorporação nominal), como prefixação, dependendo, claro, do ponto de vista (sincrônico ou diacrônico) que se adote para a análise. Assim, partindo da diacronia para a sincronia, estamos considerando a hipótese de que, no passado, a formação de palavras em questão teria sido do tipo incorporação nominal, a qual teria evoluído para um caso simples de derivação por prefixação no estágio atual da língua.

Em função disso, é preciso salientar que os processos evolutivos nas línguas não ocorrem como uma transição brusca. Isto é, um falante não dorme com um processo (no caso, a incorporação nominal) e acorda com outro (a prefixação). Há uma lenta transição da passagem de um processo a outro, na qual é possível haver a coexistência dos dois, como nas transições de fase do tipo líquido-sólido em Física. Na passagem, por exemplo, da água para o gelo, durante o processo de congelamento, antes de toda a água solidificar-se, há um estágio em que a água convive com o gelo. Assim, acreditamos ocorrer com os dois processos morfológicos em discussão.

Para melhor compreensão disso, vejamos mais algumas características do processo de formação de palavras na língua Shanenawa, especialmente, das bases nominais e seus respectivos alomorfes. Conforme poderemos ver na Tabela I, a seguir, até o momento encontramos apenas 13 formas nominais. Este, porém, ainda não é um número exato e, além disso, está bem aquém do verificado em outras línguas Pano. Loos (1999) acredita que em cada língua existam cerca de 45 bases nominais e seus respectivos morfemas monossilábicos; Ferreira (2005) menciona 27 casos no Matis; no Shipibo-Konibo, são apontados 31 casos (VALENZUELA, 2003) e, no Matsés, 28 (FLECK, 2006). Naturalmente, tal diferença requer mais investigação sobre a existência de outras formas não tão usuais entre os falantes, o que pretendemos fazer no futuro.

BASE NOMINAL	ALOMORFE MONOSSILÁBICO	GLOSA
ana	a-	língua
f u	f -	olho
fu	fu-	cabelo

k a	k -	lábio
m vi	m -	mão
mapu	ma-	cabeça
pahinki	pa-	orelha
punian	pu-	braço
kin	-	nariz
ta	-	dente
uma	u-	seio
t u	t -	pescoço
t iman in	t i-	ânus

Tabela I: Lista das bases nominais e seus alomorfes referentes a partes do corpo na língua Shanenawa.

Quanto aos alomorfes, como podemos notar na Tabela I, todos são caracterizados por uma redução morfofonêmica das respectivas bases nominais a apenas uma sílaba, no caso a primeira. A exemplo de Fleck (2006) em sua descrição do referido processo na língua Matsés, optamos por chamar esses alomorfes de morfemas monossilábicos. Sob o ponto de vista semântico, esses morfemas possuem na língua Shanenawa exclusivamente a função de designar partes inalienáveis de um todo, isto é, um corpo em geral referente à anatomia humana/animal. Em outras línguas Pano, porém, há registros de outros prefixos envolvidos nesse processo, incluindo alguns de natureza completamente adversa daquela descrita para os morfemas do Shanenawa. Nesses termos, Fleck (2006:63) atesta que no Matsés, além dos 28 prefixos referentes a partes do corpo, existe uma outra categoria de morfemas aos quais chamou *deintensifying prefixes*. Trata-se apenas de duas formas: **b -**, que assume significados diversos conforme a informação semântica dada pela base a qual se afixa: ‘falso/pobre’ com nomes, ‘claro’ com adjetivos relativos a cores, ‘suave/parcial/incompleto’ com verbos; e **pa -**, cujos significados são ‘próximo’ com nomes relativos a parentesco e ‘pobre’ com verbos. Já os morfemas referentes a partes do corpo contam com um número maior de representantes (27) e, diferentemente do que vimos até o momento no Shanenawa, a noção de “partes” emitida pelos prefixos não se limita ao corpo humano ou ao de outros animais, estendendo-se a plantas, a objetos inanimados e a relações espaciais. Há ainda, segundo Fleck (2006:64), um morfema que não se refere a partes do corpo ou de um “todo”, **n -**, cujo significado é ‘dentro d’água’ ou ‘dentro do fogo’.⁹ Aliás, essa forma é claramente uma inovação do Matsés, haja vista que estamos supondo que na proto-língua original não existiam prefixos e sim incorporação nominal. Isto porque a forma do prefixo em Matsés não pode derivar de ‘água’ que é **aĩt**. Essa inovação também pode ser vista na língua Matis, já que provavelmente no Matis ancestral, a palavra para ‘água’ era **n** e não a forma atual **n**; o mesmo se pode dizer de **akt** para ‘braço’, que acreditamos era **p** e não **podo**. Ainda no campo semântico, outra característica do processo de formação de novas palavras, é o fato de as bases nominais das quais se originam os morfemas monossilábicos acabarem por perder em certa medida o seu significado específico, tornando-se, assim, um mero componente do verbo derivado. Este, por sua vez, passa a designar um evento particular, único, já que seu significado é restringido pelo morfema a ele aglutinado.

No nível sintagmático (eixo das combinações), observamos que os morfemas monossilábicos são potencialmente ligáveis a bases verbais existentes na língua Shanenawa. Isto é, diferentemente de outras línguas Pano, os morfemas monossilábicos parecem não se ligar a nomes ou adjetivos.¹⁰ Nessa língua, os sintagmas nominais constituídos por nomes de partes do corpo e outras bases nominais ou adjetivais são sistemáticos no que diz respeito ao fato de o nome relativo à anatomia figurar obrigatoriamente em sua forma completa, tal como demonstram os exemplos seguintes:

- (11) (a) { kin }_N + { uwi }_N => { kin uwi }_N 'narina'
 nariz orifício
- (b) { pahinki }_N + { uwi }_N => { pahinki uwi }_N 'ouvido'
 orelha orifício
- (c) { uma }_N + { ihu }_N => { uma ihu }_N 'bico do seio'
 seio ponta
- (d) { u i }_{Adj} + { mapu }_N => { u i mapu }_{SN} 'ruivo'
 vermelho cabeça

A agramaticalidade da redução das bases nominais a alomorfes monossilábicos, quando o processo não envolve verbos de ação, é ratificada ainda pelo fato de os falantes Shanenawa não aceitarem construções de formas compostas hipotéticas do tipo listado abaixo:

- (12) (a) * suwi { kin uwi }_N 'narina'
 (b) *pa uwi { pahinki uwi }_N 'ouvido'
 (c) * u ihu { uma ihu }_N 'bico do seio'
 (d) * mau i { u i mapu }_N 'cabeça vermelha'

É também característica do Shanenawa vetar a ocorrência de mais de um morfema monossilábico junto à raiz verbal. Por isso, não encontramos nessa língua formas do tipo ***ta-pa-at**, a qual corresponderia à significação 'cortar os pés e os braços'. De certo, tal restrição está ligada ao fato de as formas monossilábicas não poderem se ligar a outras bases (no caso as nominais "pés" e "braços") que não sejam as verbais. Aliás, diferentemente de outras línguas Pano em que os morfemas monossilábicos se ligam a adjetivos, normalmente, referentes a cores, na língua Shanenawa, como vemos no dado (12-d) não há o processo de incorporação da primeira sílaba do nome **mapu** 'cabeça' ao adjetivo **u i**. Ademais, há também a ordem dentro do sintagma que inibi uma construção como **u ima** com {-ma} na condição de sufixo ao invés de prefixo.

Outra propriedade dos morfemas monossilábicos da língua Shanenawa é a de se ligarem apenas aos verbos em termos de forma. Isto é, a fusão do morfema monossilábico não afeta as propriedades fonológicas do verbo resultante, visto que todas as palavras em Shanenawa possuem acento na última sílaba. Dessa maneira, todos as novas bases formadas também

receberão o acento na sílaba final. Acrescente-se a isso, o fato de que, devido à forma dos morfemas monossilábicos invariavelmente terminarem em vogal constituindo um monossílabo do tipo (C)V (em que C é opcional), não se verifica fusão que afete as regras de silabificação da língua, como podemos ver nos dados fonéticos, a seguir:

- (13) (a) [pu + ku a] => [puku a] => /puku á/ 'cortar a barriga'
 (b) [ma + ati] => [ma a ti] => /ma atí/ 'bater a cabeça'
 (c) [m + t uka] => [m t u ka] => /m t uká/ 'lavar a
 mão'

Feitas essas descrições, podemos retomar a questão cerne deste estudo, ou seja, a classificação tipológica do processo de palavras ora em debate. Pelo exposto sobre os morfemas monossilábicos até agora e, como já antecipamos, é possível que o fenômeno que ocorre na língua Shanenawa seja mesmo um caso de formação de palavras por composição do tipo incorporação nominal. Entretanto, ainda restam dúvidas sobre isso, muitas delas reforçadas por algumas das características dos morfemas monossilábicos aqui listadas. Por exemplo, a visão que os falantes Shanenawa têm dos morfemas monossilábicos como elementos puramente formativos de uma palavra; elementos cujos conteúdos lexical e formal nunca são realizados de forma independente (ou livre) na língua, também não nos permitiria interpretá-los como prefixos? Para nós provavelmente é isso que ocorre no Shanenawa, porque nossas pesquisas têm nos levado a crer que na língua original, o Proto-Pano, teria existido um sistema produtivo de geração de formas nominais que se uniam imediatamente a determinados verbos gerando outras bases verbais. Isso ocorreria em função de uma regra bem definida que consistia em gerar um alomorfe do nome original através de sua primeira sílaba e que se unia exclusivamente a verbos para formar outros verbos. Tal interpretação é reforçada por Shell (1975) que levanta a hipótese de que o morfema * seria a proto-forma para o termo 'nariz', já que * **k n** teria resultado da fusão de * 'nariz' com ***k n** 'buraco/abertura'. Assim, na proto-língua, teríamos um exemplo de incorporação de raízes monossilábicas com uma base nominal, sendo as raízes monossilábicas o próprio nome designativo das diversas partes do corpo. Se assim for, essa propriedade teria se perdido na separação das línguas.

A interpretação pode ser reforçada por outros indícios encontrados no estágio atual da língua Shanenawa. Analisando bases diversas pertencentes a um mesmo campo semântico, nelas é possível identificar um morfema monossilábico referente a uma parte específica do corpo humano. Para ilustrar, temos os exemplos dos morfemas **ma-**, **ta-**, **f -** e **m -**, que estão presentes tanto em suas correspondentes atuais (as bases nominais **mapu** 'cabeça', **ta** 'pé', **f ru** 'olho' e **m fi** 'mão', respectivamente), como em outras palavras cognatas de cada uma das referidas bases como podemos ver nos grupos de exemplos seguintes:

- (14) (a) **mako** 'calvo'
 (b) **ma o** 'chifre'
 (c) **mat o** 'crista de galo'
 (d) **masafi** 'testa'

- (15) (a) **tapu** 'raiz'
(b) **tapaka** 'caule'
(c) **ta u** 'tornozelo'
- (16) (a) **f u** 'cego'
(b) **f un** 'lágrima'
(c) **f ipi** 'sobrancelha'
- (17) (a) **m i** 'tocar, manusear'
(b) **m pu an** 'antebraço'
(c) **m pu tu** 'osso da mão'

Embora não haja a possibilidade de depreensão sincrônica dos morfemas componentes das bases lexicais exemplificadas, pelo critério diacrônico parece-nos pertinente considerar as formas **ma**, **ta**, **f** e **m**, respectivamente 'cabeça', 'pé', 'olho' e 'mão', no Proto-Pano. E, por extensão, também podemos concluir que, na proto-língua, as palavras exemplificadas em (14-17) poderiam ser resultantes de um processo de composição em que o significado da segunda base lexical ainda é desconhecido ou se perdeu diacronicamente.

Dessa forma, se as bases nominais referentes às partes do corpo humano eram representadas por morfemas monossilábicos no Proto-Pano, o processo que ora descrevemos é de fato do tipo incorporação nominal. Todavia, com a evolução para as formas atuais polissilábicas dos lexemas, as formas ancestrais permaneceram como prefixos e, assim, o processo de incorporação nominal evoluiu diacronicamente para prefixação.

4. Hipótese sobre o lugar do Shanenawa e do Matsés na reconstrução do Proto-Pano

Como dissemos na introdução deste artigo, a ocorrência de um processo de formação de palavras envolvendo morfemas monossilábicos e bases verbais do qual resultam outras novas bases verbais já foi registrado em um considerável número de línguas da família Pano. Na Tabela II, a seguir, registramos dados referentes a 13 línguas dessa família¹¹, incluindo o Shanenawa.

GLOSAS LÍNGUAS	LÍNGUA	CABEÇA	MÃO	BRAÇO	NARIZ	OLHO
AMAWAKA	ja-/jana	ma-/mapo	me-/mucun	po-/ponyan	ru-/ruquin	vu-/vuro
KAPANAWA	ja-/jana	ma-/mapo	me-/mequen	po-/poyan	re-/requin	be-/bero
KAXINAWA	jan-/jana	ma-/mapu	me-/meken	pun-/punyan	d -/kin	be-/bedu
MATIS	an-/an	ma-/ma o	m -/m k n	po-/podo	d -/d an	b -/b du
MATSÉS	an-/ana	ma-/mapi	m -/m dante	p -/podo	d -/d biate	b -/
SHANENAWA	a-/ana	ma-/mapu	m -/m vi	pu-/punjan	r -/r kin	f -/f ru
SHARANAWA	a-/ana	ma-/mapo	mu-/mucu	po-/poyan	ru-/ruchoco	fu-/furo

SHIPIBO	ha-/hana	ma-/mapo	me-/mequen	pon-/ponyan	re-/requin	be-/bero
YAMINAWA	a-/ana	ma-/mapo	me-/meken	po-/pojan	re-/rechoko	fe-/w ru

Tabela II: Exemplos de morfemas monossilábicos e respectivas bases nominais em línguas da família Pano.

Como podemos notar, do ponto de vista formal, praticamente não há diferenças entre as informações lingüísticas dadas na Tabela II. Todavia, retomando a hipótese de Shell (1975) de que as proto-formas correspondentes aos significados dos dados expressos na Tabela II seriam, respectivamente: ***ana** ‘língua’, ***mapo** ‘cabeça’, ***mikini** ‘mão’, ***poyami** ‘braço’, ***rikini** ‘nariz’ e ***bïro** ‘olho’ e observando de modo detalhado os dados aqui apresentados, notaremos que as formas do Matsés são as que mais se desviam dessas propostas de proto-formas. Isso é um indício de que o Matsés seja, talvez, a língua que primeiro teria se separado da língua original, o que está de acordo com um pensamento corrente entre estudiosos da área de lingüística histórica: na variação lingüística os aspectos gramaticais mudam mais lentamente do que o léxico. O processo de prefixação ou incorporação nominal (dependendo, claro, da interpretação que se queira dar) em estudo neste texto é um aspecto morfológico, o qual deve ter existido na proto-língua com os prefixos que são comuns, exceto pelas variações fonológicas, a todas as línguas. Entretanto, nas palavras que não se desviaram muito do Proto-Pano, o Matsés manteve a estrutura original, como podemos ver, a seguir:

	Matsés	Proto-Pano	
Prefixo			
an-	ana	*ana	‘língua’
ma-	mapi	*mapo	‘cabeça’
ta-	ta	*taï	‘pé’

Alguns outros “prefixos” (ou “morfemas monossilábicos”), por sua vez, mantiveram a forma do Proto-Pano, apesar de as formas das raízes terem sofrido modificações morfofonêmicas, conforme mostram os dados seguintes:

	Matsés	Proto-Pano	
Prefixo			
p -	podo	*pii	‘folha/pena’
n -	aĩt	*ini	‘água’
b		*bïro	‘olho’
na-	pina	*ina	‘rabo’
po-	pobid	*posto	‘barriga’

Já na língua Shanenawa, ao que tudo indica, as formas são as mesmas da língua-proto, conforme podemos ver nos dados a seguir:

	Shanenawa	Proto-Pano	
Prefixo			
an-	ana	ana	‘língua’

ma-	mapu	mapo	‘cabeça’
ta-	ta	taĩ	‘pé’
b	b ru	b ru	‘olho’
na-	ina	ina	‘rabo’
po-	pustu	posto	‘barriga’

Apesar de na reconstrução feita por Shell (1975) não terem sido usados dados do Shanenawa, acreditamos que esta língua tenha sido uma das últimas a se separar da língua original. Para reforçar essa idéia, lembramos que, como foi dito anteriormente, o Matsés é a única língua descrita que apresenta outras formas que podem ser interpretadas como prefixos “enfraquecedores” (*deintensifying prefixes*), embora não sejam muito usados na língua além das formas do tipo corpo descritas aqui. Isto sugere, como bem afirmou Fleck (2006), que a língua Matsés nos dá uma oportunidade de perceber como os prefixos evoluem de construções de incorporação nominal que existiam no passado. Temos, nesses termos, reforçada a hipótese de Lanes (2000), Fleck (2003) e Amarante Ribeiro (2006) de que o Matsés teria sido a primeira língua a se separar daquela que teria dado origem a todas as línguas Pano.

Conclusão

Neste artigo, discutimos um processo particular de formação de palavras nas línguas indígenas Pano. Trata-se de da formação de bases verbais a partir da junção de alomorfes monossilábicos de um determinado nome (em geral referente a partes do corpo) e outras bases verbais. A discussão girou em torno do caráter tipológico do referido processo, haja vista não haver consenso entre os estudiosos de línguas Pano sobre a classificação dos morfemas monossilábicos envolvidos no processo: alomorfes das bases nominais ou prefixos?

Por meio de uma descrição do processo de formação de palavras em uma das línguas dessa família, o Shanenawa, procuramos expor nossa opinião sobre o tema. Defendemos que o processo descrito é de fato do tipo incorporação nominal, devido ao fato de termos conjecturado a possibilidade de as sílabas dos nomes que participam do processo representarem proto-formas das raízes nominais Pano. Todavia, com a evolução para as formas atuais polissilábicas dos lexemas, as formas ancestrais permaneceram como prefixos e, assim, o processo de incorporação nominal evoluiu diacronicamente para prefixação.

Na oportunidade, acrescentamos uma breve discussão na área de reconstrução lingüística do Proto-Pano, apresentando uma argumentação, pautada na comparação entre o Shanenawa e o Matsés com outras línguas da família (Shipibo, Amahuaca, Yaminahua, Sharanawa, Kaxinawa e Kapanahua), que busca reforçar a hipótese de Lanes (2000), Fleck (2003) e Amarante Ribeiro (2006) de que o Matsés teria sido a primeira língua a se separar do Proto-Pano. Nessa mesma linha de raciocínio, mostramos que a língua Shanenawa, por sua vez, deve ter sido uma das últimas a se separar da proto-língua.

ABSTRACT: This work discuss a process of words formation in languages of the Panoan family, which consists of joining a verbal base to a monosyllabic allomorph of a body part nominal base, which results in a new verbal base. We utilized the methodology of functional typologic description. We describe the process in the

Shanenawa and compare this description with other languages of the family. We propose to consider that a process had existed in another evolution stage of the languages which has evolved from nominal incorporation to prefixation. It is intended to collaborate with the studies of Proto-panoan reconstruction of presenting an argument that will strengthen that Matsés was the first language which separates from the proto-language.

Keywords: *Panoan Family; Shanenawa; Grammar; Lexical Morphology; Nominal Incorporation.*

Notas

¹ Embora não tenha sido verificado isso em todas as línguas Pano, há casos de raízes nominais não associadas às partes do corpo, como veremos a contento.

² Eventualmente, embora de forma mais restrita, é possível observar a ligação das bases nominais a outras bases nominais (adjetivos e nomes) para formarem bases também nominais. Exemplos disso serão mostrados oportunamente.

³ Pensemos, por exemplo, no verbo ‘cortar’ em Português. Sintaticamente, trata-se de um verbo transitivo, ou seja, que exige um objeto que complemente sua significação. Essa complementação é devida à generalização semântica (muitas vezes conotativa) do verbo e, em consequência, da diversidade de entidades que podem sofrer a ação de ‘cortar’: O churrasqueiro cortou *a carne*./ A costureira cortou *o tecido*./ Maria cortou *os cabelos*./ Os filhos cortaram *as relações* com seus pais.). Nesse caso, portanto, o complemento (o objeto) tem caráter *restritivo*, já semanticamente sua função é *restringir* o escopo dos seres passíveis de sofrer a ação verbal em questão.

⁴ Em Cândido (2004), um de nós, descreveu o processo como um caso especial de composição. Todavia, uma re-análise desse processo foi realizada em conjunto. Portanto, estamos desconsiderando (parcialmente) a proposta de análise feita anteriormente.

⁵ Outros recursos utilizados para ampliação do léxico são: a abreviação, a onomatopéia e as siglas (ou acrônimos). Contudo, por se tratarem, em geral, de formações intencionais, a literatura específica costuma classificá-los como “morfologia improdutiva”.

⁶ O afixo é um morfema que nunca se realiza como lexema e deve ser ligado a uma raiz (base) para produzir novas palavras. A base, por sua vez, é a parte da palavra a que um afixo pode se ligar. Pode ser considerada a base de uma palavra não somente a raiz, mas também um conjunto compreendido entre esta e outros morfemas. Quanto ao lugar que os afixos ocupam em relação à base, os mesmos podem ser de quatro tipos: a) prefixos, se afixados em posição anterior à base; b) infixos, se introduzidos no meio da base; c) sufixos, se posicionados pós-base; d) circunfixos, se puderem dividir-se para circundar a base.

⁷ Abreviaturas e símbolos usados neste texto: ABS, Absolutivo; Adj, Adjetivo; Adjun Restr, Adjunto Restritivo; C, Consoante; DECL, Declarativo; ERG, Ergativo; GEN, Genitivo; N, Nome; NEG, Negação; O/Od, Objeto Direto; PAS, Passado; S, Sujeito; SN Sintagma Nominal; V, Verbo/Vogal; VI, Verbo Intransitivo; VT, Verbo Transitivo; 1ps, 1ª Pessoa do Singular; 2ps, 2ª Pessoa do Singular; , Morfema Zero; *, Agramatical (ou referência a um termo reconstruído); #, Fronteira de Palavras; [], Transcrição Fonética; //, Transcrição Fonológica.

⁸ Cf. nota 4.

⁹ Informação ratificada por Loos (1999) para outras línguas como o Kapanawa, em que, além das partes do corpo, existem alguns poucos casos de morfemas referentes a “líquidos” e a locativos como “dentro de”.

¹⁰ Em Matsés, não apenas os prefixos *desintesifying*, mas todos eles podem se ligar a outras categorias como nomes e adjetivos (FLECK, 2006).

¹¹ Os dados foram retirados das seguintes fontes: Amawaka (HYDE, 1980), Kapanawa (LOOS, 1998), Kaxinawa (MONTAG, 1979), Matis (FERREIRA, 2001; 2005), Matsés (KNEELAND, 1979; FLECK, 2003, 2006), Shanenawa (CÂNDIDO, 2004), Sharanawa (SCOTT, 2004), Shipibo (FAUST, 1990; LORIOT ET AL 1993; VALENZUELA, 2003), Yaminahua (FAUST 1990).

Referências

- AMARANTE RIBEIRO, L. A. Uma proposta de classificação interna das línguas da família Pano. *Revista Investigações. Lingüística e Teoria Literária*. Recife, v. 19, n. 2, julho. 2006.
- CÂNDIDO, G. V. *Descrição morfossintática da língua Shanenawa (Pano)*. 2004. 273 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2004.
- COMRIE, B. *Language universals and linguistic typology*. Oxford: Basil Blackwell Publisher Ltda, 1981.
- EAKIN, L. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Yaminahua*. Documento de Trabajo n. 22. Lima, Peru: ILV, 1991.
- FAUST, N. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Shipibo-Conibo*. Documento de Trabajo n. 1. Lima: Ministério de Educación, Instituto lingüístico de Verano, 1990.
- FERREIRA, R. V. *Língua Matis: aspectos descritivos da morfossintaxe*. 2001. 151 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2001.
- _____. *Língua Matis (Pano): uma descrição gramatical*. 2005. 302 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2005.
- FERREIRA, V. S. *Língua Matis (Pano): uma análise fonológica*. 2000. 163 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2000.
- FLECK, D. W. *A grammar of Matses*. 2003. 423 f. Tese (Doutorado em Lingüística) - Departamento de Lingüística, Rice University. Houston, 2003.
- _____. Body-part prefixes in Matses: derivation or noun incorporation? *IJAL*, Chicago, v. 72, n. 1., p. 59-96, jan. 2006.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO (FUNAI). Departamento de Documentação (DEDOC) e Serviço de Informação Indígena (SEII). Campinas, Brasil, 7 de novembro de 2002. 1 mensagem eletrônica. Entrevista concedida a Lincoln Almir Amarante Ribeiro.
- HYDE, S. *Diccionario Amahuaca*. Série Lingüística Peruana, n. 7. Lima: Ministério da Educación, Instituto Lingüístico de Verano, 1980.
- KNEELAND, H. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Mayoruna*. Documento de Trabajo n. 14. Yarinacocha: Instituto Lingüístico de Verano, 1979.
- LANES, E. *Mudança fonológica em línguas da família Pano*. 2000. 136 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2000.
- LOOS, E. E. Pano. In: DIXON, R. M. W.; AIKHENVALD, D. Y. (Eds.). *The amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. p. 227-250.
- LOOS, E.; LOOS, B. *Diccionario Capanahua-Castellano*. Série Lingüística Peruana, n. 45. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 1998.
- LORIOT, J.; LAURIAULT, E.; DAY, D. *Diccionario Shipibo-Castellano*. Yarinacocha, Pucallpa: Ministerio de Educación del Perú/Instituto Lingüístico de Verano, 1993.
- MITHUN, M. The evolution of noun incorporation. *Language*, v. 60, p. 847-894, 1984.
- MONTAG, S. *Lecciones para el aprendizaje del idioma Cashinahua*. Datos Etno-lingüísticos, n. 59. Lima: Ministério de Educación, Instituto Lingüístico de Verano, 1979.



SCOTT M. *Vocabulario Sharanahua-Castellano*. Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2004.

SHELL, O. A. *Estudios Panos III: las lenguas Pano y su reconstrucción*. n. 12, 1ª ed. Lima: ILV/SLP, 1975.

SPENCER, A. *Morphological Theory*. Basil Blackwell, 1991.

VALENZUELA, P. *Transitivity in Shipibo-Konibo grammar*. 2003. 753 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – Universidade de Oregon. Oregon, 2003.

ZINGG, P. *Diccionario Chacobo-Castellano*. La Paz: Ministerio de Desarrollo Sostenible y Planificación, Ministerio de Educación, Cultura y Deportes y Confederación de Pueblos Indígenas de Bolivia, 1998.

Artigo enviado para publicação em 12/02/2008.